

## O LUGAR DAS COLOCAÇÕES EM UM DICIONÁRIO ESCOLAR

Gislene Lima Carvalho (UECE)  
gislc@bol.com.br

A linguagem é uma das formas de manifestação da cultura. A identidade de um povo reflete na língua que este utiliza, através de palavras e expressões peculiares que são elementos que identificam uma comunidade. A língua, porém, não está composta apenas por palavras simples ou compostas, mas também por expressões ou pequenos textos que são pré-estabelecidos e constantemente inseridos no discurso dos falantes de determinada língua.

A linguagem utilizada pelos falantes de uma língua é formada não apenas pela linguagem verbal, e sim por todas as formas utilizadas para a comunicação entre estes falantes. A linguagem verbal, por sua vez, compõe-se de palavras e expressões que formam o léxico de uma língua. Este abrange todas as lexias utilizadas na língua sejam elas palavras isoladas ou não.

Pottier (1979) já classificava as lexias em simples, compostas, complexas e textuais, ciente de que as formas fixas, ainda que formadas por várias palavras, pertencem ao vocabulário de uma língua como apenas uma unidade linguística. As lexias simples seriam aquelas compostas por apenas um elemento, as demais categorias são representadas por duas ou mais lexias que ocorrem sempre juntas, gerando, assim, uma nova lexia no idioma.

Este conjunto de expressões fixas de uma língua faz parte do que se chama fraseologia. Tal área linguística tem sido, constantemente, relegada a segundo plano no processo ensino-aprendizagem de línguas devido a sua complexidade e peculiaridades, o que dificulta um tratamento didático destas expressões nesse processo.

Quando pensamos no ensino de línguas, pensamos em materiais que são utilizados como auxílio ao professor na realização desta tarefa – livro didático, dicionários, softwares, DVDs, internet etc. Dentre estes materiais, escolhemos trabalhar com o dicionário por considerarmos que ele é, sobretudo, fonte de conhecimentos culturais, sociais, linguísticos e históricos, portanto, capaz de contribuir além do que se imagina ser meramente uma lista de palavras e seus significados.

Dentro do vocabulário de uma língua existem lexias que se combinam com frequência gerando uma fixação que faz com que estas apareçam sempre juntas, gerando uma nova lexia, neste caso, pluriverbal. A estas uniões de palavras livres que se combinam gerando uma nova lexia chamamos colocações. Quando se trata da inserção de “lexias” nos dicionários, estas expressões representam uma “pedra no sapato” do dicionarista, pois, por sua característica de pluriverbalidade, torna-se uma dificuldade inseri-las no material. Cientes desta dificuldade, porém conscientes da importância das colocações nos materiais de apoio ao professor, desenvolvemos este artigo.

Este trabalho faz parte de um estudo preliminar sobre dicionários escolares realizado no âmbito do grupo Lexicografia, Terminologia e Ensino (LETENS) do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (Pos LA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Temos o objetivo de verificar como são apresentadas e tratadas as colocações nominais da língua portuguesa em um dicionário escolar destinado, de acordo com o PNLD, ao ensino fundamental II. A escolha do dicionário como objeto de análise deve-se ao fato de que estes materiais são utilizados como

auxílio no ensino de línguas, além de serem rica fonte de conhecimentos lexicais, gramaticais e culturais.

Para que o objetivo seja alcançado, analisaremos alguns verbetes do dicionário, verificando como se dá a entrada de colocações, como são classificadas e definidas para, dessa forma, apresentar uma breve descrição de como os dicionaristas tratam as colocações que são próprias da língua portuguesa a estudantes que ainda estão em fase de consolidação dos conhecimentos linguísticos sobre sua língua materna.

Inicialmente discutiremos acerca da fraseologia e de sua relação com a cultura da língua. Em seguida, falaremos a respeito dos dicionários e de sua importância no atual sistema de ensino/aprendizagem de língua. Depois teceremos a análise do nosso objeto de estudo no material escolhido e, por fim, traremos as considerações finais, a contribuição deste trabalho e as conclusões nos possibilitadas por ele.

## 1. Fraseologia e cultura: as colocações

Fraseologia é uma área de estudos linguísticos que se insere dentro dos estudos do léxico, sendo considerada uma subárea da Lexicologia. Neste campo de abordagem linguística estudam-se as unidades linguísticas compostas por duas ou mais palavras que apresentam fixação de uso na língua, tais como as expressões idiomáticas, provérbios e colocações.

Estas expressões têm como principal característica a fixação, pois são lexias que são utilizadas sempre juntas, gerando uma nova lexia, complexa ou textual. As unidades fraseológicas, como são chamadas, são o objeto de estudo da Fraseologia enquanto elementos linguísticos pré-estabelecidos que apresentam forte relação com a cultura da língua na qual são utilizadas.

Todas as línguas naturais possuem uma gama de expressões que não são produzidas pelos falantes, ou seja, não são combinações livres de palavras. São combinações fixas que foram criadas em algum momento da evolução da língua e foram repassadas por seus falantes de maneira pré-estabelecida. Coseriu (1981) chamou a estas expressões de *discurso repetido* em contraposição ao *discurso livre* que seriam as combinações produzidas pelos falantes durante seu discurso. Discurso repetido é, pois, aquele que já está pronto e apresenta co-ocorrência na língua.

A relação destas expressões com a cultura advém dos fatos históricos ou sociais que contribuem para a origem destas expressões, uma vez que cada sociedade cria expressões de acordo com suas experiências e vivências no mundo. A cultura, no entanto, não é estática, ela sofre modificações com o passar do tempo, à medida que os indivíduos evoluem e desenvolvem novos métodos e novos costumes de vida em sociedade. As novas crenças, costumes e regras conferem uma nova cultura ou ao menos uma cultura reformulada e modificada de acordo com as mudanças sociais sofridas pelo povo que a compartilha.

A linguagem é um dos elementos que caracterizam a cultura como algo exclusivamente humano é, pois, uma dessas manifestações culturais que identificam e particularizam um povo, ou mesmo um ser. Pois, de acordo com Laraia (2001 p. 52), “a comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral”.

Dentro dessa relação língua e cultura, delimitamos para este trabalho o estudo das colocações, fraseologismos que serão definidos a seguir.

As colocações se caracterizam, sobretudo, pela frequência em que duas ou mais palavras aparecem juntas, ou seja, são expressões com variados graus de fixação que apresentam grande recorrência na língua. Para Sanromán (2001, p.187) as “colocações não são combinações livres de palavras, mas antes um tipo de unidades pluriverbais lexicalizadas e habitualizadas.” A comunidade de fala reconhece as combinações aceitas na língua e recusam as que não são “habituais” em seu meio.

Corpas Pastor (1996, p.53) as define como “sintagmas completamente livres, gerados a partir de regras, mas que, ao mesmo tempo, apresentam certo grau de restrição combinatória determinadas pelo uso.” A autora diferencia as colocações das combinações livres por sua fixação e co-ocorrência na língua. Para a autora, o falante elege uma combinação de palavras dentre uma grande quantidade de combinações possíveis e a convencionaliza, criando, assim, uma colocação. Um exemplo de colocação em português seria *velha coroca*. Os dois vocábulos existem na língua, porém há uma tendência a ocorrerem juntas na maioria das vezes, ao ponto de a palavra *coroca* não ser utilizada fora desse contexto. Dizemos, pois, que a *velha* é a palavra base da colocação, aquela que carrega o valor semântico maior e *coroca* seria o colocado, ou seja, a palavra que é puxada pela base, mesmo que inconscientemente por parte dos falantes.

Zuluaga Ospina (2002) considera que as colocações são expressões que se situam entre as combinações livres e fraseológicas, não pertencendo a nenhum destes grupos. Seriam elementos de interseção que apresentam características dos dois grupos citados. As colocações, no entanto, não são idiomáticas, pois seus componentes guardam seu valor semântico, embora possam trazer um significado geral. De acordo com Biderman (2005), isso ocorre porque cada elemento componente de uma colocação guarda seu valor semântico próprio, como podemos constatar no exemplo acima.

As colocações são classificadas de acordo com a classe gramatical das palavras que a compõem e a relação sintática existente entre elas. Dessa forma, existem as colocações adjetivas, nominais, verbais e adverbiais. Aqui nos deteremos ao estudo das colocações nominais, ou seja, aquela que têm substantivo como base.

As colocações se inserem na língua no nível sintático, ou seja, são combinações que ocorrem sempre juntas, formadas por palavras de significado, quer dizer, nomes. Tagnin (2005) inclui entre as colocações as expressões especificadoras de unidade, coletivos e binômios. Por exemplo: uma barra de chocolate – um bloco de gelo – uma ninhada de pintinhos – um rebanho de bois – cama e mesa – marido e mulher. Assim a autora adota um grande leque do que seriam colocações.

Neste trabalho abordaremos as colocações formadas por um substantivo mais outra classe de palavra, seja adjetivo, advérbio ou outro substantivo. O critério será a co-ocorrência de palavras que possuem um novo significado gerado pelo acréscimo do colocado e o próprio local que ocupam no verbete analisado, entrada ou subentrada. Por vezes, as colocações citadas podem se confundirem com lexias compostas. Sobre isso, cientes da inconstância ainda presente na literatura sobre o tema, basear-nos-emos em Tagnin (2005) e seu conceito de colocação.

A seguir, trataremos acerca dos dicionários, justificando a escolha deste material para análise.

## 2. Os dicionários

O dicionário não é meramente uma lista de palavras que apresenta significados pontuais. É, sobretudo, uma obra didática que oferece ao consulente, informações que vão do caráter linguístico ao sociocultural. No entanto, cabe salientar que o dicionário apresenta não apenas palavras isoladas, mas também expressões de uso corrente na língua em questão. Mais que uma lista de palavras, os dicionários são importantes recursos didáticos utilizados no ensino-aprendizagem de línguas, seja materna ou estrangeira.

Como tal, o dicionário deve ser “capaz de contribuir significativamente, pelos registros e informações que traga, para uma compreensão adequada do léxico e da ortografia do português” (RANGEL, 2011, p. 38). É nele que o aprendiz se ancora para desenvolver seu conhecimento lexical ou mesmo gramatical, criando estratégias de comunicação baseando-se na referência legitimada pelo material em si.

De acordo com Coroa (2011, p. 63), o dicionário funciona como um “apoio para a construção de nossa rede de conhecimentos linguísticos”, propiciando maior desenvolvimento da competência linguística do falante e de seu enriquecimento lexical, além de permitir ao consulente um conhecimento sobre as ideologias que subsidiam as definições e até mesmo as escolhas dos verbetes elencados na nomenclatura. Portanto, entendemos que o dicionário ocupa um papel relevante no processo de ensino/aprendizagem de línguas, pelas informações que traz, além de ser um material riquíssimo em conhecimentos históricos e culturais.

Dentre os tipos de dicionários, temos os escolares são os que se pretendem para uso de falantes nativos da língua que estejam em fase de aprendizagem. Destinam-se aos estudantes dos ensinos Infantil, Fundamental e Médio. Este tipo deve priorizar o léxico que atenda as necessidades do usuário. Eles têm por fim auxiliar no ensino de uma língua, são “obras monolíngues usadas por escolares que se encontram em fase de aprendizagem de sua própria língua.” (PONTES, 2009, p.32)

Considerando o exposto, o dicionário deve trazer em sua nomenclatura as expressões linguísticas formadas por duas ou mais palavras, visto que é um material que se dispõe a aproximar o estudante ou consulente ao léxico de uma língua. No entanto, sabemos das dificuldades de inserção destas expressões nos dicionários, pois, como afirma Welker (2011, p. 140) “devido à falta de espaços nos dicionário impressos, mas também à falta de recursos humanos e financeiros, é impossível que todos os fraseologismos sejam registrados nos dicionários.” Por este motivo, deter-nos-emos em verificar o tratamento dispensado às colocações em um destes materiais.

## 3. O lugar das colocações nos dicionários

Para a análise, escolhemos o Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras que, segundo o PNL D, é destinado ao Ensino Fundamental II que equivale do 6º ao 9º ano. Nesta fase, os estudantes se encontram em fase de consolidação lexical e pode ser que precisem recorrer ao dicionário em busca de auxílio nesta tarefa.

Com a finalidade de verificarmos as colocações que têm substantivos como base no referido dicionário, delimitamos para consulta os verbetes constantes nas letras A, B, C e D.

No guia de uso do material, indica-se que as locuções e fraseologias virão em subentradas, indicadas pelo símbolo ( || ), com letra maiúscula e, havendo mais de uma, as demais serão inseridas pelo símbolo ( • ). Entendemos que as colocações estão nesse grupo de acordo com a discussão acima sobre estas unidades. Inicialmente verificamos os verbetes substantivos em busca de fraseologias com as características de colocações, classificadas pelos dicionaristas como locuções, todas as colocações encontradas estavam marcadas com o símbolo acima que indica fraseologismo.

Dentro do verbete *Arma*, encontramos duas colocações *Arma branca* e *Arma de fogo*. O substantivo por si só refere-se a qualquer instrumento de ataque ou defesa. Quando se trata das colocações, estes substantivos vêm seguidos de outra palavra que se convencionou usar para definir ou especificar outro tipo de arma. No caso a *Arma branca* se refere aquelas cortantes ou perfurantes e as *Armas de fogo*, as que funcionam por efeito de pólvora. Podemos perceber que as três definições são diferentes, no entanto, elas estão em um mesmo verbete embora as duas últimas sejam subentradas visto que são categorias de armas.

No verbete caixa, encontramos cinco colocações: *caixa dois*, *caixa eletrônico*, *caixa econômica*, *caixa de música*, *caixa postal* e *caixa registradora*. Diferente do que ocorreu com o verbete anterior, neste caso, as definições são completamente distintas e não são apenas categorias de uma definição macro. *Caixa dois*, por exemplo, é um “livro de registro de valor não declarado ao fisco” ao passo que *Caixa de música* é qualquer instrumento, não necessariamente em formato de caixa, que por meio de algum recurso, toca peças musicais. Consideremos que *caixa* é um termo polissêmico, o que permite que as colocações com este termos sejam ainda mais variados, o que poderia permitir novas entradas para as colocações que se encontram na subentrada deste verbete.

O mesmo acontece com o verbete *casa*. Considera-se casa como lar, lugar, espaço etc. o que permite variadas colocações com esta lexia, encontramos: *casa da moeda*, *casa civil*, *casa militar*, *casa de correção*, *casa de detenção*, *casa de máquinas*, *casa de saúde* e *casa de tolerância*. Assim, temos *casa civil* como “conjunto de civis que auxiliam o presidente da República”. *Casa de correção* e *Casa de detenção* como estabelecimentos que recebem infratores. *Casa de máquinas* como um espaço onde ficam os motores de um elevador e *casa de tolerância*, um lugar pra encontros amorosos. Tal qual ocorre com o verbete caixa, em *casa* poderia também haver uma distinção, já que as definições são diversas, caberiam verbetes também diferentes.

Encontramos ainda colocações pertencentes a determinadas áreas do saber. Então, em cérebro, temos *cérebro eletrônico* para se referir a aparelhos eletrônicos que realizam atividades antes apenas conseguidas pelo cérebro humano. Da mesma forma, encontramos *cópia de segurança*, *correio eletrônico*, relacionados à tecnologia e informática. Estas colocações comprovam que o léxico é uma unidade viva, que se recria conforme a necessidade da sociedade em se comunicar e dar nome às novas criações.

Na área da economia encontramos: *dívida externa*, *dívida pública*, *custo Brasil*, *custo de vida*, colocações que estão a todo tempo sendo utilizadas em jornais e discussões econômicas e que não fazem sentido se forem utilizadas separadamente ou com outras lexias. Pertencem a um campo lexical reduzido e não são conhecidas pelo grande público, no entanto, se falarmos em dívida, é possível que os falantes, intuitivamente, completem com externa (ou eterna em um jogo de palavras que considera a dívida impagável) ou pública. A esta inconsciência que os falantes têm sobre palavras que “puxam” outra, Coseriu (1981) chamou de “solidariedade léxica”.

No âmbito da religião temos Companhia de Jesus (os Jesuítas), círio pascal (vela que é acesa durante a vigília pascal), comunhão dos santos (comunidade de um corpo místico que tem como cabeça Jesus Cristo). Estas colocações são de cunho religioso e para que sejam compreendidas é necessário que se tenha um mínimo de conhecimento sobre religião ou história, lexias que podem ser completamente desconhecidas em países que não professam o Cristianismo.

Outras colocações encontradas corroboram a ideia de que estas expressões são fixas e não podem ser usadas separadamente sem que haja perda de sentido, são elas: *disco voador*, *desenho animado*, *comissário de bordo*, *código Morse*. Se retirarmos o colocado, ou seja, a segunda lexia, perdemos o significado inicial e ganhamos outro valor semântico. Afinal, nem todo disco é voador, nem todo desenho é animado etc.

A co-ocorrência das colocações aqui elencadas pode ser comprovada em uma simples consulta ao buscador Google, a título de informação. *Despojos mortais*, por exemplo, apresentou 235.000 resultados, nesta sequência, o que lhe confere o caráter fixo e recorrente na língua. *Desenvolvimento sustentável* apresentou 732.000 ocorrências e *cesta básica* 559.000 resultados.

É importante ressaltar que a escolha de palavras é convencionalizada pela sociedade, então, para um falante estrangeiro ou mesmo um falante que ainda não possua domínio total de sua língua materna, estas unidades linguísticas podem significar um grande problema se não constarem no dicionário, caso este seja o único meio de busca no momento que se necessite o conhecimento delas.

Uma característica bem clara que demonstra essa possível dificuldade é que cada língua escolhe combinações diferentes de palavras para se referir a mesma coisa e essa escolha não é sistemática. Então, o não conhecimento dessas escolhas pode colocar o falante em situações de não comunicação. Por exemplo, a expressão *carne verde* significa carne fresca, significado que pode ser desconhecido mesmo por falantes fluentes da língua, uma vez que o adjetivo perde seu valor literal, inicialmente acessado pelos falantes. *Efeito dominó* e *domínio público* também ilustram essa questão. Aos estudantes que não têm conhecimento destas colocações uma interpretação literal de suas lexias não levará ao seu real significado.

Na tabela a seguir, elencamos as colocações encontradas.

COLOCAÇÕES
Arma branca
Arma de fogo
Caixa dois
Caixa eletrônico
Caixa econômica
Caixa de música
Caixa postal
Caixa registradora
Carne verde
Casa da moeda
Casa civil
Casa militar
Casa de correção
Casa de detenção
Casa de máquinas
Casa de saúde
Casa de tolerância
Cena cômica

Cena lírica
Cena trágica
Cérebro eletrônico
Cesta básica
Céu da boca
Linha de chegada
Choque cultural
Choque elástico (Fís.) <sup>1</sup>
Choque inelástico (Fís.)
Choque nervoso (Med.) <sup>2</sup>
Choque operatório (Med.)
Circuito fechado
Círculo vicioso
Círio pascal
Código de barras (Inform.) <sup>3</sup>
Código genético (Biol.) <sup>4</sup>
Código Morse (Comun.) <sup>5</sup>
Coluna vertebral (Anat.) <sup>6</sup>
Comissário de bordo
Companhia de Jesus
Comunhão dos santos
Comunicação de massa
Concha acústica
Condicionador de ar
Cópia de segurança
Correio eletrônico (Inform.)
Corretor ortográfico (Inform.)
Crosta terrestre
Custo Brasil (Econ.) <sup>7</sup>
Custo de vida
Desenhista industrial
Desenho animado
Desenvolvimento sustentável
Despojos mortais
Disco voador
Distrito federal
Dívida externa (Econ.)
Dívida pública (Econ.)
Dízima periódica (Mat.) <sup>8</sup>
Domínio público
Efeito dominó

Colocações retiradas do Dicionário da Academia Brasileira de Letras

---

<sup>1</sup> Física

<sup>2</sup> Medicina

<sup>3</sup> Informática

<sup>4</sup> Biologia

<sup>5</sup> Comunicação

<sup>6</sup> Anatomia

<sup>7</sup> Economia

<sup>8</sup> Matemática

As colocações acima citadas são todas dicionarizadas como fraseologismo ou locução (termo geral usado pelo dicionarista para se referir às composições pluriverbais). Elas estão colocadas como subentradas nos verbetes principais, referentes aos substantivos, que são também a base da colocação (apenas linha de chegada está no colocado). Conforme a tabela mostra, apenas 14 apresentam marca de uso, isso ocorre porque pertencem a áreas específicas do conhecimento. As demais, de uso geral, não possuem marcas de uso, apenas a definição.

## Conclusão

Neste trabalho, tínhamos o objetivo de verificar o tratamento dispensado às colocações em um dicionário escolar. Em nossa análise, centrada nas letras A, B, C e D, buscamos colocações que têm como base substantivos.

As colocações em questão são inseridas como subentradas nos verbetes correspondentes aos substantivos, mesmo quando não apresentam a mesma carga semântica do verbo no qual se inserem. São indicadas como locução ou fraseologismo através do símbolo que lhes dá entrada no verbo principal.

É importante ressaltar que não nos cabe aqui julgar ou apontar falhas neste trabalho lexicográfico, pois sabemos o quão árduo é o trabalho dos lexicógrafos, no entanto não podemos deixar de defender a ideia de que o dicionário deve conter não apenas palavras isoladas, mas também lexias complexas ou mesmo textuais, quando estas acontecerem de maneira fixa.

Defendemos ainda a importância de que estas lexias devem figurar nos verbetes que a compõem, porém quando isso não for possível, deve estar claro no guia de uso, qual verbo lhes dará entrada. A ideia de que a base da colocação seja o verbo de entrada é válida, contudo esta estratégia deve ficar clara ao consulente para que este não perca tempo procurando em outros verbetes que compõem as expressões. Em nosso *corpus*, verificamos que *linha de chegada* está no verbo *chegada* enquanto todas as outras colocações estão no primeiro substantivo que apresentam.

Percebemos que algumas lexias aqui consideradas colocações podem ser tratadas como substantivos compostos, nesse caso, seu lugar nos dicionários deveria ser outro. Acreditamos que, a partir do momento que estas são tratadas como locuções ou fraseologismo pelo símbolo ( || ), o dicionarista as tratou como tal, o que está de acordo com a teoria fraseológica que tomamos como base.

É importante perceber que o material analisado, mesmo sendo de uso escolar e destinado a jovens do Ensino Fundamental, aborda lexias de áreas específicas como economia, informática, medicina, dentre outras. Isso é importante na medida em que oferece ao aluno condições de conhecer novas lexias e, assim, contribuir para seu crescimento vocabular.

Portanto, acreditamos que este trabalho vem lançar uma discussão sobre a importância de que estas unidades linguísticas sejam inseridas não apenas nos dicionários, mas em todos os materiais que auxiliam o professor em seu agir, na certeza de que o conhecimento destas não se faz importante apenas no estudo de línguas estrangeiras, mas, sobretudo, no ensino de língua materna para que formemos cidadãos conscientes do potencial léxico de sua própria língua.



## Referências bibliográficas

- BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O. M.; Silva, F. (Org.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v. II.
- COROA, M. L. Para que serve um dicionário?. In: CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, M. (Orgs.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 61-72.
- CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.
- COSERIU, E. *Lecciones de Lingüística General*. Madrid: Gredos, 1981.
- LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- PONTES, A. L. *Dicionário para uso escolar: o que é como se lê*. Fortaleza: EdUECE, 2009.
- RANGEL, E. de O. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica”. In: CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, M. (Orgs.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 61-72.
- SANROMÁN, Á. I. *A Unidade Lexicográfica. Colocações, Frasemas, Pragmatemas*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos – Universidade de Minho, 2001.
- TAGNIN, S. E. O. *O Jeito que a Gente Diz: expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal, 2005.
- WELKER, H. A. Colocações e expressões idiomáticas em dicionários gerais. In: ORTIZ ALVARE, M. L. & HUELVA, H. U. (orgs.). *(Re)Visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. São Paulo: Pontes, 2011.
- ZULUAGA OSPINA, A. *Los “enlaces frecuentes” de María Moliner. Observaciones sobre las llamadas colocaciones*. PhiN, 2002. Disponível em: <http://web.fu-berlin.de/phn/phn22/p22t3.htm> Acesso em 01 abr. 2014.